

Da vassoura à seringa

13 SET 1993

A denúncia da Coordenadoria de Recursos Humanos do Sistema Único de Saúde (SUS) não poderia ser mais contundente: 30% ou mais do pessoal que atende ao doente brasileiro na rede hospitalar pública ou privada não possui a suficiente qualificação profissional. Como o Ministério da Saúde estima que no Brasil são 500 mil os contratados como atendentes, mais de 150 mil desses trabalhadores exercem função incompatível com o conhecimento e o treinamento que receberam. São eles os candidatos preferenciais a cumprir a trajetória de alto risco que os leva direto do comando do balde e do esfregão para a total autonomia diante do frasco de soro e da seringa endovenosa. Na medida em que a responsabilidade pela contratação é sempre de difícil apuração — é a mão-de-obra possível, dado o salário pago —, quanto sofrimento inútil e quantas mortes evitáveis esses números escondem.

A contratação ou promoção de funcionários despreparados para a função é só uma das faces — e não a mais dolorosa — do grande drama da saúde brasileira. Num país em que os médicos, na solidão dos plantões vazios de equipamento, quando não de drogas mesmo, devem decidir qual paciente vai viver, beira o ridículo lamentar que os hospitais, públicos ou privados, não façam “qualificação interna” para promoções.

Para entender por que chegamos a tal nível de degradação, é preciso ter presente que, segundo os dados do IBGE, os gastos do governo federal com saúde despenharam de US\$ 80 per capita em 1987 para US\$ 21 em 1993. Para poder fazer-se uma comparação, basta saber que a Organização Mundial de Saúde definiu, desde meados dos anos 80, que o padrão mínimo de gastos com saúde para os países em desenvolvimento deveria ser de US\$ 500 per capita. Em junho, um trabalho inédito da Universidade Federal de Minas Gerais confirmava que tal descuido financeiro com a saúde do brasileiro provocou uma queda de 12%, entre 1987 e 1990, no número dos estabelecimentos de saúde no País e que em 1993 apenas 55%

dos leitos oferecidos pela rede pública hospitalar estão em funcionamento. Na rede hospitalar privada, responsável por 79% do atendimento, o número de descredenciamentos do Inamps só não é maior porque a maioria dos hospitais que ainda resistem a todos os atrasos no pagamento dos serviços prestados simplesmente fecham o pronto-socorro, preservando o que é possível. Nessa situação, o número oficial de que um terço dos funcionários hospitalares são incompetentes não chega a surpreender.

É fato que essa decadência na capacitação de quadros funcionais do atendimento médico não data de hoje; só fez agravar-se nos últimos anos. O atendente de Barra do Piraí que em 1984 injetou suco de laranja na veia de uma criança provocou somente o célebre “dossiê do suco” e nada mais. O caso é só um marco na memória médi-

Funcionário de hospital despreparado é apenas uma das faces do drama da saúde no Brasil

ca dos absurdos que iriam começar a ocorrer quando a desvalorização da função da enfermeira aliou-se ao aviltamento salarial. Depois do “dossiê”, o Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro investigou quantas instituições cumpriam a lei, empregando enfermeiros fantasmas diplomados; na época o Conselho ofereceu números que ultrapassavam 30%. Hoje, depois da proliferação dos cursos de auxiliar de enfermagem, em especial em igrejas, quantas auxiliares “organizam” o serviço de enfermagem prestados pelas atendentes “promovidas”, tudo devidamente assinado por uma enfermeira diplomada que já foi dispensada há muitos anos?

Por outro lado, causa uma certa espécie a solução, insinuada pela diretora da Coordenação de Recursos Humanos, da criação de cursos “por intermédio de ensino supletivo” dentro dos próprios hospitais; é verdade que o argumento de que qualquer demissão prejudicaria “ainda mais o serviço”, já suficientemente precário, é válido em situação emergencial e por tempo determinado. Mas usado com todo cuidado. Porque o Ministério da Saúde não pode incentivar, devido ao risco notório da institucionalização, a trajetória instantânea da vassoura à seringa.